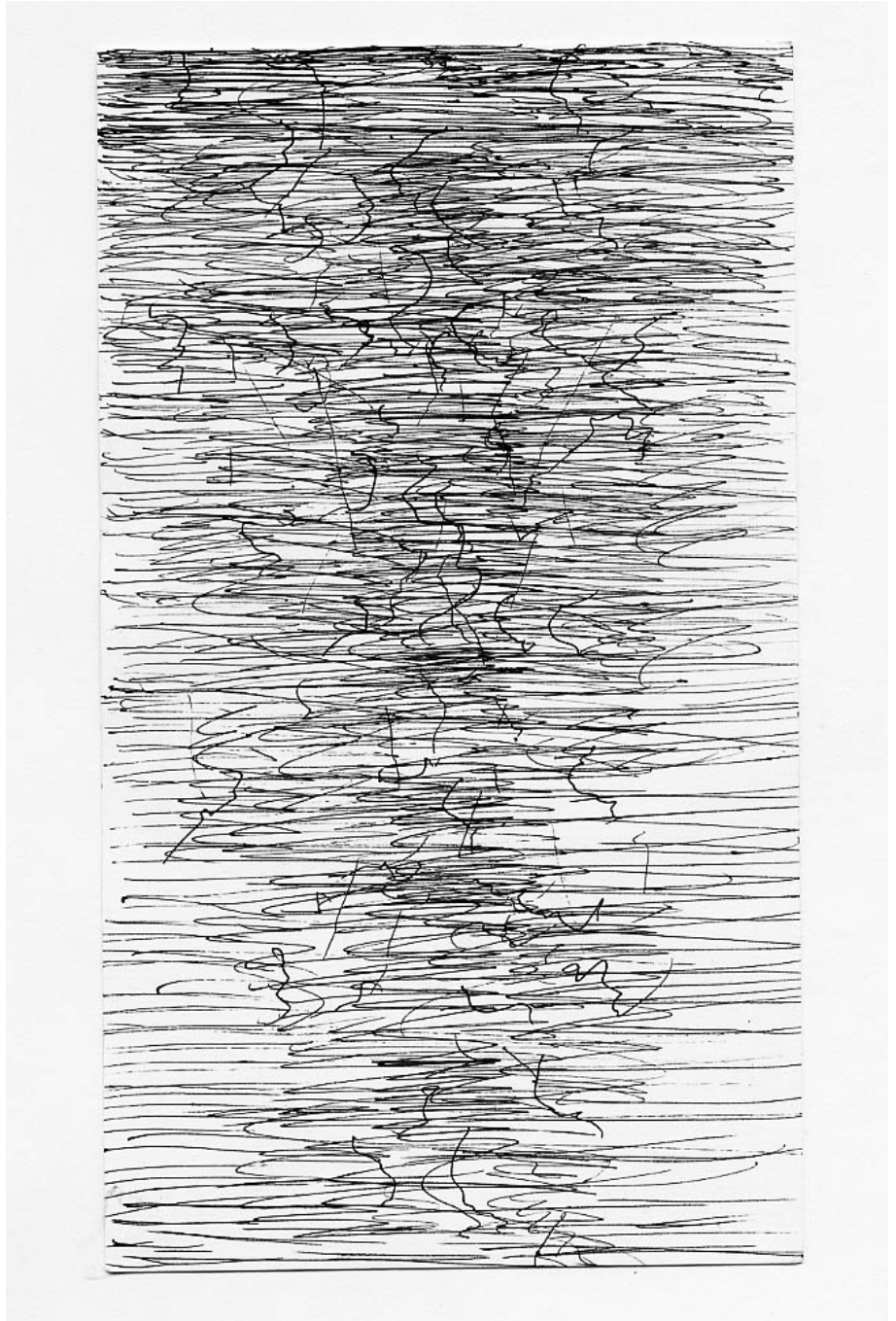


TRAÇOS DA INVENÇÃO: ÁLVARO SIZA AOS 70
LINES OF INVENTION: ALVARO SIZA AT 70

William J. R. Curtis

Tradução inglês-português: Rogério de Castro Oliveira



Seaweed and rocks, Foz, Porto, 2003. Ink on card. Copyright William J. R. Curtis.
Seaweed and rocks, Foz, Oporto, 2003. Ink on card. Copyright William J. R. Curtis.

Porto no final de junho, com a benfazeja brisa do Atlântico amenizando o terrível calor dos últimos dias. Porto suspensa no tempo, com suas fachadas descascadas, suas ruas cavernosas, seus bondes barulhentos e um toque de tristeza. Porto destilada em líquidos: tinturas de vermelho, dourado e marrom, carvalho envelhecido, ferrugem, águas lamacentas do Rio Douro. Porto do oceano, com sua luminosidade limpa, seus azulejos azuis e brancos vindos de terras distantes, suas memórias marinheiras, suas gaivotas estridentes circundando os telhados sob os derradeiros raios de sol. Porto entre a terra e o mar, na Foz onde o rio encontra o Atlântico e pela qual adentram as ondas, abatendo-se sobre os rochedos e desfazendo-se na praia. Porto sob a tempestade, com finos caudais de chuva escorrendo em diagonal pelas vidraças expostas ao vento oeste. Água, ar, pedra e luz: material suficiente para a imaginação de um artista. É 25 de junho, dia do septuagésimo aniversário de Álvaro Siza. Estamos reunidos na Escola de Arquitetura do Porto para celebrar este evento e marcar o dia de encerramento de uma bela exposição, organizada por alguns professores e estudantes, voltada para o processo de projeto da própria Escola, um projeto que Siza iniciava há mais de quinze anos. Os desenhos foram cuidadosamente montados em suportes de vidro e expostos sobre a superfície curva da parede que se estende, a partir da rampa do acesso principal, em direção à biblioteca. Siza perscruta atentamente seus próprios desenhos, feitos há tempo, como se fossem amostras científicas. Para melhor examiná-los, fixa com máximo esforço o seu olhar. Ele me explica como o projeto teve início em uma série de pátios e, então, gradualmente evoluiu em direção bem diversa, rumo à idéia de fragmentos dispostos ao longo da paisagem, não muito diferente do aspecto de uma ruína clássica. Chegamos ao espaço principal, circular, da exposição, onde se encontra uma grande maquete de estudo, mantida ereta com cola e pinos. A conversa se desvia para Aalto e seu Campus em Otaniemi, de 1950, que tem como ponto focal um anfiteatro curvo e transparente, uma clara inspiração para Siza. Em Siza os modelos históricos são uma presença freqüente, porém assimilados e transformados. O auditório está lotado. Vemos ali até mesmo alguns amigos que vieram de Madrid. Alguns colegas de longa data fazem parte da audiência. Távora está na primeira fila, com olhar absorto. Estudantes começam a rabiscar anotações. Siza está radiante e contente. Eu faço uma palestra intitulada *Lines of invention*, sobre desenhos no processo criativo. Mas também falo sobre os "começos", sobre as fontes de inspiração, as origens das idéias, a gênese das formas, sobre o caminho que leva da imagem inicial à finalização do edifício. De fato, trata-se de uma

Oporto in late June with a merciful breeze off the Atlantic reducing the terrible heat of recent days. Oporto suspended in time, with its peeling facades, its cavernous streets, its clanking trolley cars and its touch of sadness. Oporto distilled in liquids: tints of red, gold and brown, stained oak, rusted iron, the muddy waters of the River Douro. Oporto of the ocean, with its clean light, its blue and white tiles from faraway lands, its maritime memories and its squealing seagulls wheeling above the roofs in the last rays of the sun. Oporto between land and sea, where the river meets the Atlantic at Foz and the waves roll in, crashing onto the rocks and smashing onto the beach. Oporto in a storm, with rivulets of rain running diagonally down the windowpanes exposed to the west wind. Water, air, rock and light: materials enough for an artist's imagination. It is the 25th June and it is Alvaro Siza's seventieth birthday. We assemble at the School of Architecture in Porto to celebrate this event and to mark the closing day of a fine exhibition put together by some Faculty and Students. This is about the design process of the School of Architecture itself, a project which Siza began more than fifteen years ago. The drawings have been carefully framed under glass and are displayed on the curved surface of the wall leading from the main access ramp in the direction of the library. Siza peers at his own drawings done years ago as if they were scientific specimens. He screws up his eyes in order to scrutinise them more carefully. He explains to me how the design started out as a series of patios and then gradually evolved in a very different direction towards an idea with fragments disposed across a landscape, not unlike a classical ruin. We arrive at the main circular exhibition space where there is a large working model held together with glue and pins. Conversation switches to Aalto and to his Otaniemi Campus of the 1950s with its focal point of a curved and transparent amphitheatre, clearly an inspiration for Siza. For Siza there are often historical models but they are digested and transformed. The lecture hall is full. There are even some friends who have come from Madrid. Certain colleagues of a lifetime are in the audience. Távora is in the front row and stares into space. Students start scribbling notes. Siza is beaming and content. I give a talk entitled 'Lines of Invention', about drawings in the creative process. But it is also about 'beginnings', about sources of inspiration, about origins of ideas, about the genesis of forms, and about the route from the initial image to the final building. In effect it is a speculation about architectural thinking, about the space of the imagination and about the diverse functions of drawings. It is illustrated with sketches by Siza and by other artists. With Siza sketches are the means to capture fleeting experiences, to store them away in memory and to transform them into the language of architectural forms.

especulação a respeito do pensamento arquitetônico, sobre o espaço da imaginação e as diversas funções assumidas pelos desenhos. As ilustrações são esboços de Siza e de outros artistas. Por meio dos desenhos de Siza podemos capturar experiências fugazes, guardá-las na memória e transformá-las em linguagem de formas arquitetônicas. Nada provém do nada. No processo de Siza o desenho é parte da observação, da destilação e da abstração. É também a maneira de explorar idéias, até mesmo de descobri-las. Seus desenhos deixam, assim, uma pista sugestiva que indica, sem proclamá-las, fontes e conexões. Na palestra eu cito Henri Focillon, em *A vida das formas*:

Essas impacientes metamorfoses e os estudos atentos que as acompanham desenvolvem a obra sob nossos olhos [...]. O que elas nos trazem? Pontos de referência no tempo? Uma perspectiva psicológica, a topografia revolta de sucessivos estados de consciência? Muito mais: trazem a própria técnica da vida das formas, seu desenvolvimento biológico.

Para traçar paralelos, também discuto os esboços geradores de Jorn Utzon e de Le Corbusier. No caso de Utzon, selecionei a famosa garatuja de uma nuvem flutuando sobre o horizonte, executada em meados dos anos cinquenta, um desenho que ajudou a esclarecer as idéias subjacentes ao edifício da Ópera de Sydney. O mesmo desenho, contudo, lembrando de alguma forma um pictograma chinês, também destilou toda uma atitude diante do espaço e da natureza. No que toca a Le Corbusier, discuti os primeiros esboços do *Carpenter Center for the Visual Arts*, um de seus últimos trabalhos, especialmente o desenho que mostra, em um de seus cadernos, a idéia essencial de uma rampa atravessando volumes transparentes e flutuando no espaço. Também para Siza o gesto da mão, o movimento da linha, é crucial para traçar a idéia fundadora, dar vida às formas e antecipar a ação do movimento através do espaço, ao longo do tempo. Formas dinâmicas em tensão: sem elas pode faltar vitalidade à invenção. Aalto, Utzon, Le Corbusier – figuras com impacto sobre Siza. A própria Escola de Arquitetura é como uma demonstração da idéia corbusiana da *promenade architecturale*, ao passo que os volumes brancos dos edifícios da Escola estão plenos de reverberações dos primórdios do movimento moderno. Siza tem um olho que recorda. Depois da palestra, pessoas se aglomeram em torno do arquiteto e do palestrante, passam sobre fios de câmeras de vídeo e fluem em torno do edifício por suas diversas rampas e níveis; aqui nos deparamos com outra idéia-chave, repetidamente utilizada: a noção de que um edifício público é uma espécie de paisagem social, sulcada por um caminho que descortina, ao longo

Nothing comes from nothing. In Siza's process the drawing plays a part in observation, in distillation and in abstraction. It is also the means to explore, even to discover, ideas. Thus his drawings leave a suggestive trail, which hints at sources and connections without quite spelling them out. During the lecture I quote from Henri Focillon's *Life of Forms in Art*:

These rapidly changing, impatient metamorphoses, coupled with the earnest attention given them by the artist, develop a work of art under our very eyes – with what do they provide us? Points of reference in time? A psychological perspective? A jumbled topography of successive states of consciousness? Far more than these: what we have here is the very technique of the life of forms itself, its own biological development.

In order to develop parallels I also discuss the generative sketches of Jorn Utzon and of Le Corbusier. In the case of Utzon I select the famous doodle of a cloud floating above a horizon executed in the mid 1950s, a drawing which helped to clarify the ideas behind the Sydney Opera House. But the same drawing, which in some ways resembles a Chinese cryptogram, also distilled an entire attitude towards space and nature. For Le Corbusier I discuss the first sketches for the *Carpenter Centre for the Visual Arts*, one of his late works, especially the drawing in a notebook showing the essential idea of a ramp running through transparent volumes floating in space. For Siza too the action of the hand, the movement of line, is crucial in tracing the underlying idea, in bringing the forms alive and in anticipating the actual movement through spaces over time. Dynamic forms in tension: without these an invention may lack vitality. Aalto, Utzon, Le Corbusier – all figures with an impact upon Siza. The School of Architecture itself is like a demonstration of the Corbusian idea of a *promenade architecturale*, while the white volumes of the School buildings are full of echoes from the early modern movement. Siza has an eye which remembers. After the lecture people huddle around the architect and the lecturer, tripping over the wires of video cameras and flowing around the building on its various ramps and levels; here is another key and much repeated idea, the notion of a public building as a sort of social landscape traversed by a route with different experiences and transitions along the way. It recurs in so many of Siza's recent projects and yet it is already clearly in evidence in one of his earliest and most pivotal works, the Swimming pool at Leça da Palmeira. An artist goes forward but also goes back to his own beginnings and the structures of a personal style rest below the surface of the mind influencing the way things are perceived and conceived. To have

do percurso, diferentes experiências e transições. Essa idéia é recorrente em muitos projetos recentes de Siza, porém já se evidencia com clareza em um de seus primeiros e mais cruciais trabalhos, a Piscina em Leça da Palmeira. Um artista avança, mas também retorna a seus próprios começos, e as estruturas de um estilo pessoal permanecem sob a superfície da mente, influenciando a maneira como as coisas são percebidas e concebidas. Para conceber alguma idéia, o arquiteto deve possuir uma linguagem pessoal, e os esboços de cada novo esquema são como cortes que atravessam as formas genéricas do artista. Desenhar é reativar as estruturas mentais de um estilo. Os trabalhos recentes de Siza continuam a transformar temas por ele desenvolvidos e testados ao longo de anos. Esta é sua versão pessoal do que vem a ser uma busca paciente. A festa continua, então, no jardim de uma velha *villa* que serve de clube aos professores da Universidade do Porto. As plantas são densas e verdes, apesar do calor extremo do verão, e há atrás dos canteiros recantos úmidos cobertos de musgo. Mais uma vez o tempo parece parar: diante de mim, o cenário de pessoas sobre um gramado com uma grande tenda branca traz um repentino retorno à Inglaterra de minha infância – lembra-me uma *garden party* dos anos cinqüenta. De tempos em tempos o evento põe minha imaginação em movimento: em minha fantasia, estou presente em uma recepção de Embaixada, no consulado de algum país latino-americano, com pessoas conduzindo umas às outras pelo braço e canapés circulando em bandejas. Faces portuguesas da velha geração não manifestam o otimismo oficial da Nova Europa; elas são de alguma maneira mais amargas, porém mais sábias. Ao lado das congratulações, dos abraços, dos sorrisos, um ar de grave dignidade cerca o evento. Eu não estou certo de onde estou e o evento começa a parecer a cena de um filme em câmara lenta. Um entendimento comum de que o ar está mesmo ficando mais fresco faz com que todos nos abriguemos no interior da tenda. Então, no transcórrer da noite, vamos nos dando conta dos muitos mundos que aqui se superpõem; família, amigos, profissão. Por volta da meia-noite um grande bolo coberto de velas é levado até Siza e sua mãe, já bem entrada nos seus noventa anos. Uma dama de fisionomia muito intensa, cujos olhos fitam inquisitivamente aqueles que a cortejam. Eu nunca a havia encontrado antes, mas tenho a sensação de tê-la reconhecido pelos desenhos de Siza, como se a arte pudesse antecipar a vida. Juntos eles assopram as velas e cortam o bolo. Mãe e filho: uma ligação incomensurável para qualquer artista, talvez para todo o mundo. Fico pensando em todos aqueles retratos e personagens esboçados nas margens dos desenhos arquitetônicos de Siza – testemunhas de suas conversas interiores e de seus obscuros processos de invenção.

an idea at all an architect has to have a personal language and the sketches of each new scheme are like cross sections through the artist 's generic forms. To draw is to reactivate the mental structures of an architectural style. Siza's recent works continue to transform themes which he has been developing and testing for years. This is his own version of a patient search. The party then continues in the garden of an old *villa* which serves as a Faculty Club for the University of Porto. The plants are dense and green despite the extreme heat of the summer and there are damp corners coated with moss behind the flowerbeds. Again time seems to stop: the scene before me of people on a lawn with a large white tent gives me a sudden flashback to the England of my childhood: it reminds me of a garden party of the 1950s. At times the event sets my imagination in motion: I fancy that I am present at an embassy reception in the consulate of some Latin American country with people leading one another by the elbow and with drinks and canapés circulating on trays. Portuguese faces of the older generation do not manifest the official optimism of the new Europe; they are somehow sadder but wiser. Along with the congratulations, the hugs, the smiles, there is an air of grave dignity about the event. I am not sure where I am and the event begins to feel like a scene from a film in slow motion. But there is a collective admission that the air is actually getting cooler so we all move into the tent. Then as the evening wears on one begins to grasp the many worlds that here overlap; family, friends, profession. Around midnight a huge cake covered in candles is wheeled in for Siza and for his mother who is now well into her nineties. A lady with a face of great intensity, her eyes search out answers from those who pay court to her. I have never met her before but I have the sense of recognizing her from Siza's own drawings as if art could precede life. Together they blow out the candles and cut the cake. Mother and son; an unfathomable bond for every artist, perhaps for every person. I think of all those sketched portraits and personages in the margins of Siza's architectural drawings – witnesses to his internal conversations and to his obscure processes of invention.

The day after the lecture I revisit the School on my own to see how it feels. The stone platform between the buildings has been completed and solidified since I was there several years before and this helps to hold everything together. The wall surfaces have weathered. The trees have grown up. I start the visit from the little pavilion by the entrance road and enjoy the way that the choices of circulation are so clearly spelled out as one advances from place to place. In the drawings the previous evening I had noticed a perspective study showing a crucial observation point from which the lines of sight fan

No dia seguinte à palestra retornei sozinho à Escola, para ver como seria. Desde que eu ali estivera vários anos antes, a plataforma de pedra entre os edifícios havia sido completada e consolidada, o que ajuda a manter coeso o conjunto. As superfícies das paredes envelheceram sob as intempéries. As árvores cresceram. Eu começo a visita pelo pequeno pavilhão junto à rua de acesso e aprecio a maneira como a escolha de trajetos ao longo da circulação é claramente mostrada, à medida que se passa de um lugar a outro. Nos desenhos expostos na noite anterior chamou minha atenção um estudo perspectivado que indicava um ponto de observação crucial, a partir do qual as linhas de fuga se abriam. Eu descubro este ponto e, de fato, com segurança descortino claramente toda a anatomia do esquema, inclusive os percursos, internos e externos, e as destinações. O leve maneirismo de alguns dos blocos isolados, que me havia irritado alguns anos atrás, parece agora muito menos importante do que a coerência geral do esquema. Eu me entero na biblioteca por várias horas, um espaço iluminado por uma clarabóia em forma de cunha que flutua sobre a longa mesa principal, no eixo da sala. Profundas estantes horizontais, carros de madeira para os livros, filtro de luz – o lugar é tranquilo e bom para o estudo. Como é importante visitar as obras anos depois de acabadas, para ver como realmente funcionam e envelhecem! Um dia ou dois mais tarde, visitei o escritório de Siza na Rua do Aleixo, em um edifício projetado pelo próprio Siza. Seus camaradas da geração anterior e da posterior – Távora e Souto de Moura – ocupam andares do mesmo edifício. As raízes locais são profundas, mas o trabalho se estende pelo mundo afora. Convidados vindos de lugares distantes estão sempre de passagem. As janelas enquadram vistas do rio, com embarcações que sobem e descem seu curso. A ponte de concreto que vence o Douro, acompanhando a auto-estrada norte-sul, também pode ser vista – um símbolo do “novo Portugal”, ao menos para os políticos. Aqui e ali vejo imagens de esquemas familiares e bem conhecidos, de passado recente, como os da igreja em Marco de Canaveses ou os da Fundação Serralves, mas as mesas estão cobertas por uma multiplicidade de novos trabalhos em execução. É curioso perceber recursos espaciais familiares sendo transformados ou invertidos para servir a novos propósitos. Nisso, porém, vemos um estilo pessoal em ação, e é assim que ele funciona nas mãos dos colaboradores. No espaço aberto do escritório, jovens de muitos países debruçam-se sobre maquetes de madeira ou voltam-se com atenção para as telas dos computadores. Ao fundo, ouve-se falar inglês, agora a *lingua franca* da prática arquitetônica internacional. Uma mulher inteligente, nos seus trinta anos, russa de nascimento, mas que chegou ao Porto via Califórnia, Nova

out. I discover this point in reality and sure enough the entire anatomy of the scheme, including internal and external paths and destinations becomes clear. The slight mannerism of some of the freestanding blocks, which had irritated me years before, now seems much less important than the overall coherence of the scheme. I bury myself in the library for several hours, a space lit by means of a wedge shaped skylight, which floats above the main, long table on the axis of the room. Deep horizontal shelves, wooden trolleys of books, filtered light – the place is tranquil and good for study. How important to revisit works years after their completion in order to see how they really function and age. A day or two later I visit Siza’s office at Rua do Aleixo in a building designed by Siza himself. His comrades of earlier and later generations – Távora and Souto de Moura – occupy floors in the same building. The local roots are deep but the work goes around the world. Guests from faraway places are always passing through. From the window there are framed views of the river with boats passing up and down. The concrete bridge spanning the Douro and bearing the north south auto – route can also be seen – a symbol of the ‘new Portugal’, at least for the politicians. Here and there I see images of familiar and well known schemes from the recent past such as the Church at Marco de Canaveses or the Serralves Foundation, but the tables are covered with a multiplicity of new works in progress. It is curious to spot familiar spatial devices being transformed or inverted to serve novel purposes. But this is a personal style in action and this is how it functions in the hands of collaborators. In the open office space young people from many countries are poised over wooden models or gaze into computer screens. English is heard in the background. It is now the lingua franca of international architectural practice. An intelligent woman in her early thirties, Russian born, but who has come to Porto via California, New York, Princeton and Moscow, guides me around the recent projects and asks each of the architects to define the objectives of each scheme. Here a museum with spiral ramps for a coastal town in Brazil; there a luxury tourist establishment half buried in the ground near the Pyrenees in Spain; here a restrained library design for a small town in northern Portugal. I hear vague rumours of other international projects, of possible collaborations with other well known architects, of distant islands and exotic coasts... After all Siza is one of the few European architects today to possess a real sense of Latin American architectural cultures past and present. The architecture of Siza today? Ever stretching in new directions to respond to the needs of the distant tasks, sites and clients of an increasingly ‘globalized’ world. Sometimes resorting to formulaic responses. Sometimes erring in the direction of loose

lorque, Princeton e Moscou, guia-me em torno de projetos recentes e pede que cada arquiteto defina os objetivos de cada esquema. Aqui, um museu com rampas em espiral para uma cidade costeira do Brasil; ali, um estabelecimento turístico de luxo enterrado no solo próximo aos Pireneus, na Espanha; aqui, um comedido projeto de biblioteca para uma pequena cidade do norte de Portugal. Eu ouço vagos rumores de outros projetos internacionais, de possíveis colaborações com outros arquitetos bem conhecidos, de ilhas distantes e costas exóticas... Afinal, Siza é um dos poucos arquitetos europeus detentores, hoje, de uma noção real do que sejam as culturas arquitetônicas latino-americanas do passado e do presente. A arquitetura de Siza, hoje? Estende-se continuamente em novas direções, para responder a necessidades de distantes tarefas, lugares e clientes, em um mundo mais e mais "globalizado". Às vezes, buscando respostas em fórmulas. Às vezes, encaminhando-se errática em direção a formas fora de controle. Às vezes, fazendo surgir novas e vitais invenções. Sempre explorando o espaço, a luz, o lugar e o movimento. Sempre fundindo soluções genéricas com requerimentos individuais, a todo momento ampliando e transformando uma linguagem que se cristalizou pela primeira vez há mais de quatro décadas. No fim de semana eu revisito alguns de seus trabalhos iniciais, entre eles dois de meus favoritos: a Piscina, em Leça da Palmeira, e o Restaurante Boa Nova, ambos sobre a costa, vários quilômetros ao norte do Porto, perto de Matosinhos. Descubro que a Piscina está temporariamente vazia para ser limpa. O vazio onde a superfície espelhada da água deveria estar me defronta de maneira ausente. Mas o edifício – ou será a paisagem? – ainda retém uma extraordinária capacidade de emocionar o visitante com seus espaços, planos de concreto e plataformas, incisões e inserções do artificial no natural. É um laboratório no qual um excepcional e jovem talento lançou as fundações do seu próprio trabalho. Sua ordem ambígua, pós-cubista, permeia seus trabalhos posteriores. O Restaurante Boa Nova conserva, como nunca, o mesmo frescor – uma demonstração clássica de passeio, orquestrada na paisagem. Aproximamo-nos do edifício em procissão, subindo a escadaria até uma plataforma que abre sobre o horizonte uma vista controlada; o percurso continua, levando ao interior do edifício por uma entrada comprimida sob o telhado, para então seguir escada abaixo em direção a uma vista que descortina, enquadrada, rochas e ondas. O interior nos dá uma sensação de fechamento e abrigo, mas, quando nos sentamos, a mente e o olho se expandem novamente até o horizonte, o que nos traz uma sensação de infinito. A obra de uma vida – entre a terra e o mar.

Recebido: agosto/2008.
Aprovado: novembro/2008.

forms. Sometimes coming up with vital new inventions. Always exploring space, light, site and motion. Always fusing generic solutions with individual statements, all the while extending and transforming a language that was first crystallized more than four decades ago. Over the weekend I revisit some of the early works, among them two of my favourites: the Swimming Pool at Leça da Palmeira and the Boa Nova Restaurant, both of them on the coast several kilometres north of Porto near Matosinhos. The Swimming Pool, I discover, is temporarily empty as it is being cleaned. The void where the mirror surface of the water should be stares back at me in a vacant way. But the building – or is it a landscape? – still has an extraordinary capacity to move the visitor with its spaces, concrete planes and platforms, incisions and insertions of the artificial in the natural. It is a laboratory in which an exceptional, young talent lay the foundations of his own work. Its ambiguous, post-Cubist order permeates his later works. The Restaurant at Boa Nova remains as fresh as ever – a classic demonstration of the orchestrated promenade through a landscape. The building is approached by means of a procession which rises up the steps to a platform which provides a controlled view of the horizon; the route then continues into the building by means of a compressed entrance under the roof then passes down the stairs towards a framed view of rocks and waves; the interior provides a sense of enclosure and of shelter but, as one sits down, the mind and eye expand towards the horizon again and this gives a sense of infinity. A lifetime's work – between land and sea.

Received: august/2008.
Approved: november/2008.